



A POESIA DE MANUEL BANDEIRA EM SALA DE AULA: SUGESTÕES METODOLÓGICAS E ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE LEITURA

BATISTA, Marivaldo Omena (UFMG)¹
SOUZA, Renata Junqueira de (UNESP)²

A poesia em sala de aula requer, do docente, um fazer pedagógico significativo. Nesse sentido, sugerir um planejamento metodológico de leitura literária que possibilite, aos estudantes do Ensino Médio, uma experiência de leitura qualitativa exige um estudo calcado na formação do leitor. É nesse caminhar que propomos um discurso em torno do processo de recepção de alguns poemas de Manuel Bandeira e de algumas estratégias de leitura. A relevância de propor uma metodologia inspirada em alguns preceitos da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss (1994) e de Wolfgang Iser (1979), é de possibilitar uma experiência estética por meio da interação texto-leitor. Na perspectiva de um planejamento de ensino, o Método Receptivo, de Aguiar e Bordini (1993), pode lançar mão de um percurso de leitura dialógico em sala de aula, uma vez que os estudantes relacionem as suas experiências e vivências de mundo com o texto poético. No que concerne à estratégia de leitura, entendemos que sugerir meios para a leitura literária no âmbito escolar é uma ferramenta significativa para o processo de compreensão. Desse modo, respaldamo-nos teoricamente em Solé (1998), Pinheiro (2007), Souza (2004) e Cosson (2012). Os resultados parcialmente coletados mostram adolescentes mais interessados em discutir o percurso de suas inferências, visualizações, sumarizações, conexões, bem como tais estratégias contribuíram para a compreensão do texto poético.

Palavras-chave: Recepção. Formação de leitor. Estratégia de Leitura. Manuel Bandeira.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A preocupação com a formação leitora em sala de aula é um assunto que interessa a pesquisadores e professores em geral. Dentre as várias questões que envolvem o problema, refletimos a respeito da estratégia da visualização, o que pode favorecer a vivência e a experiência de leitura literária no âmbito escolar.

¹ Graduado em licenciatura plena em Letras-Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL - 2012). Mestre em Linguagem e Ensino, na linha de pesquisa Literatura e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG - 2016).

² Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1987), mestrado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1990), doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000) e é livre-docente pela mesma Instituição (2012) no conjunto das disciplinas Conteúdos, Metodologia e Prática de Ensino de Língua Portuguesa I e II e Leitura, Literatura e Interpretação de Textos no Processo de Formação de Professores.. Atualmente é professor visitante da Universidade do Minho e professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Também é professora colaboradora no Programa de Pós graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), desde 2015. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, formação de leitores, literatura infantil, literatura e formação de professores, estratégias de leitura.



Concomitantemente com a preocupação com a formação de leitores literários em sala de aula, a poesia é um dos gêneros literários menos apreciados no fazer metodológico do docente³. Desse modo, enfatizamos, neste artigo, a importância de aproximá-la dos estudantes à guisa de uma sistematização de práticas de ensino, que contribua tanto para a interação texto-leitor⁴ quanto para a experiência de leitura no âmbito escolar, o que afasta, portanto, da ênfase aos aspectos tradicionais de mediação de leitura.

No que se refere à ausência da experiência de leitura de poemas líricos em sala de aula, a problemática se dá pela pouca vivência dos professores com a poesia. Nesse sentido, conforme Pinheiro (2007, p.17), “de todos os gêneros literários, provavelmente é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico da sala de aula”.

A partir desse viés, este artigo tenta enfrentar uma inquietação no que se refere ao ensino de poesia na escola e a formação de leitores. Nesse sentido, nos apropriamos, como *corpus* de nossa pesquisa, da poesia de Manuel Bandeira, a fim de lançar mão da estratégia de visualização, o que pode contribuir, por sua vez, para que estudantes do Ensino Médio de Escolas da Rede Pública possam compreender melhor o texto poético de Bandeira.

Com efeito, este trabalho visa analisar a poesia de Manuel Bandeira a partir de sua fortuna crítica. Em seguida, analisamos dois poemas do referido poeta com a finalidade de discutir a estratégia da visualização, tal prática possibilitará ao estudante do Ensino Médio uma experiência com a poesia lírica em sala de aula estimulante, prazerosa e acima de tudo, com objetivos claros de por que e para que ler o poeta.

Dessa forma, uma questão que sobressai é: a leitura de poemas de Manuel Bandeira, atrelada à estratégia de visualização, pode favorecer a vivência de uma experiência estética em sala de aula?

A perspectiva que norteia a nossa abordagem é de que o trabalho com a poesia lírica em sala de aula deve se afastar dos modelos tradicionais de ensino, assim como também distanciar-se das interpretações pragmáticas dos livros didáticos, que privilegia apenas os estudos de recursos linguísticos e ortográficos. Dessa maneira, o nosso objetivo é contribuir para um trabalho sensível e perceptível com o poema na escola. A

³ Na dissertação *A poesia de Alice Ruiz: entre a prática de leitura e a Recepção*, Batista (2016) discute que o poema lírico não é contemplado em sala de aula e, sobretudo, no fazer pedagógico de alguns professores.

⁴ No que se refere à interação texto-leitor, é uma categoria teórica da Estética da Recepção que discute, de acordo com Iser (1995), alguns os meios estéticos, ou referências estéticas, pelos quais os leitores se apropriam para a incursão na leitura literária.



escola do referido poeta, além de partir de um gosto pessoal, deve-se ao fato de ele estar inserido ao PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola), bem como por apresentar uma construção imagética significativa, o que favorece a estratégia da visualização no âmbito escolar.

A POESIA DE MANUEL BANDEIRA

A poesia de Manuel Bandeira é discutida com frequência no âmbito acadêmico, por diversos estudiosos, como, por exemplo, Candido (1996), em *O estudo analítico do poema*, em que o estudioso comenta a respeito do estilo lírico da poesia de Bandeira. No contexto do ensino, a dissertação *A poesia de Manuel Bandeira em livros didáticos de literatura do Ensino Médio*, de Silveira (2009), analisa o livro didático como um agente mediador no processo de leitura de poesia. Para isto, a pesquisa se apropria de alguns poemas de Manuel Bandeira para estudar como se configura a leitura de sua poesia em manuais didáticos.

No entanto, para este artigo, detemo-nos no ensaio *O humilde cotidiano de Manuel Bandeira*, de Arrigucci (1983), uma vez que apresenta alguns pontos significativos no que se refere ao fazer poético de Bandeira.

Desse modo, Arragucci (1983) aborda a poesia de Bandeira a partir da perspectiva estética e temática ao longo de sua produção. Para isto, o estudioso analisa algumas obras, tais como: *As cinzas das horas* (1917), *Ritmo dissoluto* (1924), *Libertinagem* (1930), *Estrela da manhã* (1936). Por meio dessa análise, o referido autor comenta que a poesia de Manuel Bandeira passou por um processo de redução estético-estilística e temática ao longo do tempo, o que a tornou simples; no entanto, de acordo com Arragucci (1983, p.106), a sua poética inquieta e desconcerta o leitor através de sua simplicidade, que é uma categoria formal/discursiva difícil de entender.

No que se refere à expressão poética, Arragucci (1983) enfatiza que a poesia de Manuel Bandeira, em sua fase parnasiano-simbolista, apresenta um forte apelo estilístico e temático erudito (clássico), mesmo que expressando, em alguns momentos de sua fase inicial, uma linguagem muito próxima do coloquialismo. Desse modo, o estudioso comenta que o poeta despoetizava a expressão parnasiano-simbolista a partir de alguns elementos prosaicos e coloquiais.

Diante do exposto, podemos perceber esta despoetização da expressão parnasiano-simbolista na poesia “Madrugada”, uma vez que o poema não segue uma estrutura



emstançada, isto é, de um soneto clássico; no entanto, o apelo à imagem poética sobressai no poema, o que faz desse recurso estético um estilo significativo da escola simbolista e de alguns poemas de Manuel Bandeira:

As estrelas tremem no ar frio, no céu frio...
E no ar frio pinga, levíssima, a orvalhada.
Nem mais um ruído corta o silêncio da estrada,
Senão na ribanceira um vago murmúrio.

Tudo dorme. Eu, no entanto, olho o espaço sombrio,
Pensando em ti, ó doce imagem adorada!...
As estrelas tremem no ar frio, no céu frio,
E no ar frio pingam as gotas da orvalhada...

E enquanto penso em ti, no meu sonho erradio,
Sentindo a dor atroz desta ânsia incontentada,
— Fora, aos beijos glaciais e cruéis da geada,
Tremem as flores, treme e foge, ondeando, o rio,

E as estrelas tremem no ar frio, no céu frio...

(BANDEIRA, 1993, p.69)

O poema “Madrugada”, de Manuel Bandeira, expressa um estado de lamento, em que o eu lírico toma consciência e vivencia a dor de uma perda. O poema oferece, como porta de entrada para a análise, o paralelismo sintático (*As estrelas tremem no ar frio, no céu fio/ no ar frio pinga, levíssima, a orvalhada*). Através destas repetições, o discurso poético vai se atualizando, ganhando novos sentidos. Nesse caminhar, a primeira estrofe apresenta um eu lírico que observa a sua solidão.

No entanto, é atribuído no paralelismo sintático, posto na segunda estrofe do poema, um novo sentido, o que configura, portanto, o pranto. A partir desse viés, o eu lírico toma consciência de sua perda a partir do discurso poético. Esta consciência se dá no último verso por meio do epíteto⁵ e das reticências (*da orvalhada...*). O pingar da orvalha sugere a imagem da lágrima.

Ao lembrar a “doce imagem adorada”, tudo vibra, uma vez que o ambiente se estremece, ou embota, quando o olhar desse sujeito lírico se encontra em estado de lamento (*Tremem as flores, treme e foge, ondeando, o rio*).

O último verso (*As estrelas tremem no ar frio, no céu fio...*) fecha o círculo do paralelismo, sendo que o seu sentido é expresso através de uma tomada de consciência,

⁵ O epíteto, conforme Cohen (1974), é um recurso estilístico que favorece a composição de imagens poéticas no texto.



no qual o sujeito lírico percebe, de forma lúcida, a sua perda. Esta consciência lírica é configurada no poema a partir do uso da reticência, o que oferece uma abertura para o leitor preencher o vazio do texto.

Nesse caminhar, uma das características do lirismo moderno é a interação com o leitor através de um viés estético, convidando-o a ser um coautor do poema. O vazio se dá por meio de combinações de elementos estéticos. Dessa forma,

O texto é um sistema de tais combinações e assim deve haver também um lugar dentro do sistema para aquele a quem cabe realizar a combinação. Este lugar é dado pelos vazios no texto, que assim se oferecem para a ocupação pelo leitor. Como eles não podem ser preenchidos pelo próprio sistema, só o podem ser por meio doutro sistema. Quando isso sucede, se inicia a atividade de constituição, pela qual tais vazios funcionam como um comunicador central da interação do texto com o leitor (ISER, 1979, p.91).

Alguns dos poemas de Manuel Bandeira apresentam um lirismo racional e consciente de suas disposições emocionais e afetivas. Mesmo os poemas que apresentam uma expressão artística influenciada pela escola simbolista, percebemos nestes textos uma influência moderna, o que permite uma abertura maior para a participação do leitor na construção de sentidos.

O poema a seguir sugere algumas imagens significativas no que se refere à disposição emocional do sujeito lírico, que é a consciência do sofrimento. Nesse sentido, o poema apresenta um tipo de recurso imagético e discursivo que reforça a metáfora entre a estatuazinha de gesso e a vida:

O GESSO

Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova
– O gesso muito branco, as linhas muito puras –
Mal sugeria imagem da vida
(Embora a figura chorasse).
Há muitos anos tenho-a comigo.
O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de
[pátina amarelo-suja.
Os meus olhos, de tanto a olharem,
Impregnaram-na de minha humanidade irônica de tísico.
Um dia mão estúpida
Inadvertidamente a derrubou e partiu.
Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos,
[recompus a figurinha que chorava.
E o tempo sobre as feridas escureceu ainda mais o sujo
[mordente da pátina...



Hoje este gessozinho comercial
É tocante e vive, e me fez agora refletir
Que só é verdadeiramente vivo o que já sofreu.

(BANDEIRA, 1993, p.117)

A partir da leitura do poema “O gesso”, o leitor pode perceber algumas imagens poéticas que sugerem uma conscientização em torno da dor; bem como há elementos estéticos que evidenciam a presença do tempo, no sentido de revelar ao leitor um processo de amadurecimento acerca de algumas experiências malogras através do tempo.

A percepção em torno da dor se dá por meio de uma reflexão de um eu lírico, que, metaforicamente, enfatiza a fragilidade da vida a partir da imagem da “estatuazinha de gesso”. Para isto, este sujeito lírico submete-se à ação de observar a estatuazinha, com a finalidade de se projetar (*Os meus olhos de tanto a olharem,/ impregnaram-na de minha humanidade irônica de tísico*). Esta projeção, que está configurada por uma organização estética, dá-se através da disposição anímica do eu lírico, que, de acordo com Staiger (1975), é um estado em que o sujeito lírico expressa o seu mundo interior por meio de realidades apreendidas.

Desse modo, a imagem “irônica de tísico” sugere que o eu lírico projeta um tipo de disposição emocional exagerado, uma vez que o epíteto nominal (*de tísico*), que é, conforme Cohen (1974), um desvio semântico responsável por produzir imagens poéticas, pode evidenciar um estado de sarcasmo.

Outra imagem que pode sugerir uma projeção do sujeito lírico à “estatuazinha de gesso” é a imagem “o sujo mordente de pátina”. O epíteto nominal (*mordente de pátina*) está evidenciando que o tempo revestiu as feridas de maneira apodrecida, ou “amarelada” no sentido de envelhecido.

No que se refere à ação do tempo, podemos perceber – por meio de algumas gradações e de alguns advérbios – um efeito temporal. Nesse sentido, a gradação do terceiro verso (*o tempo envelheceu-a, carcomeu-a e manchou-a/ de pátina amarelo-sujo*) apresenta uma ação que enfatiza o efeito do tempo sobre a estatuazinha de gesso, como também o estado emocional do sujeito lírico.

A gradação do décimo segundo verso (*Então ajoelhei com raiva, recolhi aqueles tristes fragmentos,/ recompus a figurinha que chorava*) pode sugerir uma conscientização do estado emocional (*ajoelhei com raiva*) do eu lírico, uma vez que tem



a consciência de sua fragilidade (*tristes fragmentos*); no entanto, reconstrói-se (*recupus a figura que chorava*).

Nesse caminhar, os epítetos nominais e a marcação do tempo – por meio da figura da gradação – sugerem uma projeção de uma realidade apreendida em torno da disposição emocional do sujeito lírico à “estatuazinha de gesso”. Dessa forma, nos três últimos versos, há uma conscientização acerca dessa projeção, já que o eu lírico enfatiza que *só é verdadeiramente vivo o que já sofreu*.

A partir desse viés um questionamento sobressai: como essas imagens e o efeito do tempo podem ser apreendidos pelo leitor escolar do Ensino Médio a partir dos seus horizontes? Para isto, iremos sugerir uma metodologia participativa, que é inspirada em algumas categorias do método recepcional – determinar, atender o horizonte de expectativa e a ampliação do horizonte de expectativa.

As estratégias de leitura se consistiriam no círculo de leitura, nas antologias, na leitura silenciosa e na leitura oral.

Inicialmente definimos como estratégias de leitura os procedimentos metodológicos que podem facilitar a compreensão de textos. A escolha dos dois poemas de Bandeira: *Madrugada* (1993) e *O Gesso* (1993) foi intencional para o trabalho da estratégia de leitura da visualização. Segundo Santos e Souza (2011, p.33) “Visualizar é formar imagens mentais que pertencem somente àquele leitor e a mais ninguém.” As autoras evidenciam ainda que ao ler os alunos constroem um desenho de passagens do texto que os ajudam a entender o texto, já que o conteúdo está refletido nessa imagem.

Para o trabalho com os dois poemas o professor poderá dividir a sala em dois grupos de alunos, pedindo para que cada grupo leia uma das poesias. Assim, teremos alunos que vão se dedicar a leitura de *Madrugada* e outros, ao texto poético *O Gesso*. Após a leitura silenciosa e individual, o docente pode pedir que seus alunos desenhem as imagens mentais que lhe vieram à mente no momento da leitura. A seguir, o grupo de *Madrugada* se reúne para discutir os desenhos da turma, o mesmo será feito com o grupo de *O Gesso* – falar sobre as semelhanças e diferenças do texto, dar espaço e tempo para que cada aluno mostre seu desenho, explique os significados ali imaginados e relacionados ao poema de Bandeira, facilita a compreensão do texto poético.

No decorrer das aulas, a mesma atividade será trocada, agora o grupo que leu o poema *Madrugada* lerá *O Gesso* e vice-versa. As trocas também serão estabelecidas pelas turmas de estudantes e ao final, cabe ao professor – em momento de avaliação discutir com a sala as percepções e imagens sugeridas para os dois textos poéticos.



Assim, o ato de visualizar possibilita que o leitor faça um retrato mental daquilo que está lendo. (...) Essa atividade pode ser muito prazerosa se o professor planejar uma dinâmica que envolva toda a sala de aula.” (Santos e Souza, 2011, p. 58).

Ao docente, caberá estabelecer as relações entre os textos, entre as leituras e os desenhos dos alunos, primeiro ouvindo-os, depois comparando os desenhos para ao final, fazer ele também a sua leitura. Todavia, tanto estudantes quanto professor devem saber que a leitura do professor é somente mais uma, afinal é necessário que os discentes saibam que as imagens mentais atribuídas aos poemas os ajudaram a compreendê-los melhor o texto, em vários aspectos: social, cultural, político, estético, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias de leitura são procedimentos que oferecem possibilidades de compreensão do texto poético, o que favorece a interação texto-leitor e o gosto pela leitura da poesia. Como anunciado anteriormente, um texto refutado pela escola, muitas vezes pela dificuldade em trabalhá-lo.

Neste sentido, práticas pedagógicas com as estratégias de compreensão leitora e poemas de Manuel Bandeira possibilitam não somente que os alunos conheçam o poeta, mas também a partir da visualização que compreendam recursos estilísticos, estruturais e estéticos utilizados pelo poeta, ou seja, que entendam a poesia de Manuel Bandeira de modo peculiar, pois a aprendizagem se dá de maneira contextualizada e, acreditamos nós, prazerosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- COHEN, Jean. Estrutura da linguagem poética. Tradução: Álvaro Loerencini e Anne Arnichand. São Paulo, Cultrix, 1974.
- EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: Lima, Luis (org.). A literatura e o leitor: textos da estética da recepção. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- SANTOS, A. M. M. C.; SOUZA, R. J. Andersen e as estratégias de leitura: atividades práticas no cotidiano escolar. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

STAGER, Emil. Conceitos fundamentais da poética. Tradução: Celeste A. Galeão, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.